

AVENÇA



Visado pelo
Comissário de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XI • N.º 282 • PREÇO 1\$00

A OBRA DO PORTO CALVÁRIO

Não há muitos dias que foi inaugurado em Miragaia o «Bairro D. António Barroso» o qual brevemente vai ser entregue, sem rendas, a 28 famílias das freguesias da Sé, S. Nicolau e Miragaia, ao cuidado de irmãos vicentinos. Durante este mesmo ano de 54, tem a cidade visto casas semelhantes nas freguesias do Carvalhido, Ramalde, Bonfim, Paranhos, algumas já em função. Nas cercanias também se fala esta linguagem; Águas Santas, Rio Tinto, Gulpihares, Madalena, Valadares. Todos os elementos se juntam e apostam. O crescer é a olhos vistos. Há empenho. Há cuidado. Há muito carinho. Não é um curar de feridas, sim, antes uma construção de abrigos aonde elas se hão-de curar. Passam hoje *samaritanos* pelas estradas de Portugal! Cristo Jesus é revelado e acreditado por meio das obras de misericórdia. Oh tempos!

O bairro de Miragaia é um erro, se o tomarmos pelo seu lado económico. A preparação do terreno foi mais dispendiosa do que a elevação das moradias. Então quê? Houve ali uma intenção superior, qual foi a de mostrar ao Porto a *Obra do Porto*.

Junto à quinta aonde são as casas, existe uma outra de maior

Rumores d'África

Como não podia deixar de ser, o quinzenal «O Gaiato» apresentou-se no Xaixai por meio do telégrafo e disse do seu calor ao Presidente da Câmara, pela criação do distrito de Gaza. Aquele povo não quer grilhetas. A seguir o que virá?

Temos aqui sobre a nossa mesa informações da Provedoria de Benguela, sobre a importante obra *O Beiral*, assente no conceito verdadeiro de assistência pelo trabalho. A *Granja dos Rapazes* é a modalidade que mais interessa. Uma fotografia dos primeiros onze é já uma certeza. Não procurem as cidades, como eu vi quando por lá passei, para formar homens. Não repitam em África os velhos erros da velha metrópole. Autonomia. Ar livre. Fatura. E um ou outro adulto, orientador e mestre, de *tesouras de poda* na mão, pronto a cortar quando, aonde e se preciso for. Mais nada.

Atenção: pede-se uma carta de chamada para um dos nossos rapazes, já livre da tropa, que tanto lida com o pincel como com a colher ou picão. Quem no chama? Cá esperamos.

superfície e idêntica configuração. Ali há a clássica exploração do homem pelo homem. As barracas, à vista do formoso bairro, são agora muito mais *barracas*. O povo vê e *peca*. Começa o protesto interior... Em frente o sol a bater. Eles batidos pela lama!

Nada impede que esta quinta seja posta imediatamente ao serviço da *Obra do Porto*. Dá umas trezentas moradias. A função social está primeiro. O direito à vida não se discute. Mãos à obra.

Proseguindo e sempre à beira-rio, vamos dar com a cerca dos antigos frades agostinhos, hoje tribunal de S. João Novo. Caminhando e sem perder o rio de vista, topamos a dita das antigas freiras de Santa Clara. Isto de não querermos sair da beira-rio, é porque desejaríamos remediar os homens da beira-rio. Carrejonas e homens do rio são a classe mais apinhada e mais infeliz. Se os sanatórios pudessem dizer que sim, tinham *gente* por todos os seus leitos; era a beira-rio. Os vicentinos daquela região se perguntam aos doentes, logo ouvem a resposta: *sou do rio*. Mal a vida lhes começa a fugir, mudam o tempo do verbo, *eu era do rio*; e vão embora no meio de horrolosos sofrimentos. Mudam-se. Vão para a Eternidade. Vão dar testemunho e ser testemunhas...! *O homem do rio* não dispõe de casa. Quando não trabalha é a taberna e a rua. Que dizer da *Carrejona*? A mulher na taberna! A mulher na rua! E nós outros aonde?!

Chegados a esta altura temos à vista dois panoramas. O social, do Barredo, mai-las três quintas ali ao pé. Três quintas, significam outros tantos bairros. A gente do rio tem de morar perto. É mesmo a condição da sua vida. É esta necessidade que os obriga a *morrer* de qualquer sorte junto das águas do Douro.

Uma vez instalados em Miragaia, S. João e Santa Clara, teremos o *homem do rio* à beira-rio. É o tempo da Câmara ou quem agir. Descer aos mactos do Barredo e rarefazer. Rarefazer significa urbanizar. Urbanizar é pôr à vista e conservar casas de rara beleza daquele tempo. Tornar mundo o imundo. Esta é a *Obra do Porto*.

Não seria evidentemente o sistema *Património dos Pobres*; casas de renda baixa, sim. Meia dúzia de homens bons do Porto investem o capital necessário, com um juro pequenino. Eu acredito nos homens. Meia dúzia, sim, que queiram dar a mão por amor ao homem, sem gosto do lucro.

Haveria uma Comissão Jurídica. Contabilidade. Escritura. Tudo

Ontem apareceu aqui um rapaz de 22 anos com lágrimas nos olhos, muita tristeza na alma e na algibeira uma sentença: «tem piorado». Também trazia recado de se apresentar no Dispensário de Viana do Castelo. Trata-se de um mancebo orfão de pais e sem família próxima, que antes de baixar ao sanatório, era moço de lavoura num caseiro, cercanias de Viana. Que tratos! Que soldada! Que vida! Dado por incurável há perto de dois anos, alguém o foi segurando até que a hora chegou; hora dos homens.

O rapaz não pode ficar a dizer bem deles nem da Nação. Há-de-lhe parecer um engano a palavra «nacional» ao pé de «assistência». Dentro da sua alma, este doente dirá consigo mesmo que o outro, agora no seu leito e vezes, não vale mais do que ele. E isto é rigorosamente verdade. Não vale. Porquê? Porque é baptizado. Por isso mesmo, se eu fosse, não era assim que fazia; antes, ao lado dos formosos e adequados sanatórios que hoje temos, mandava erguer mais um pavilhão, em tudo semelhante aos outros,—e era para ali. Seria uma transferência. Ali esperava o doente a hora, que neste caso seria de Deus. Era assim que eu faria.

Depois de conversar uns momentos com o rapaz, houve de o despedir—com que dor! Hoje, escrevi aos irmãos vicentinos de Viana do Castelo. Nunca tão irmãos! Que eles vão ao Dispensário. Que o procurem. Que, se mais nada, ao menos chorem e amem por aqueles que não sabem amar: *tem piorado*.

Há vinte anos, era isto. Desde os tempos em que me nasceu a paixão pelo Pobre, não se tem progredido. Então, aprendi em Coimbra a função social dos hospitais e sanatórios, mas nunca me conformei com os «mestres». De uma vez fui acusado ao meu superior por rebelde. Pediu-se a minha deportação para longe da ci-

como nos negócios, sem ser um negócio. É a *Obra do Porto*. Já está em Miragaia, coração da cidade, aonde a vida mais doi.

Os senhores não façam a este pequenino relatório o mesmo que é costume fazer-se aos oficiais. Este é particular, sim, mas é verdadeiro. A tinta é de sangue. O sangue é vida.

Se os senhores responsáveis não tiverem medo desta espantosa simplicidade e souberem fugir ao despeito, façam-nos entrega daqueles três lotes de terreno e deixem o resto por nossa conta.

Moveram-se grandes empenhos neste sentido. Em vão. Os servos do Evangelho podem calcar serpentes, que nada os molesta. Qual a causa de tanta afronta? Um doente pulmonar a quem mandaram embora, sem meios, sem família, sem nada. Há vinte anos era isto. Hoje é isto, e eu disse-lhe que não.

Era sempre sob um protesto lento e silencioso, que eu ia pelas gateiras e vielas visitar o dado por incurável. Em cima, nos hospitais, uma vez que lhes não podiam dar cama, pedia eu que me dessem os precisos para curar as chagas. Insistia. Importunava. Obtinha.

Vem lá a hora. Andam três turmas de mineiros ocupados na exploração de água: o sarilho, o zorro, as cordas, a candeia. É preciso que a terra abra também as suas veias. Depois vem a construção. Depois nós. Havemos de ser nós. A Nação não sabe. Não tem gente. O homem não é o seu assunto.

Uma Carta

«Sou leitor assíduo do «Gaiato» que considero um jornal com raro poder convincente, tratando a sério os problemas sociais mais importantes, infelizmente tão esquecidos por uns e tão desvirtuados por outros—umas vezes por demasiada literatura, outras por excessiva filosofia, outras ainda por manifesto egoísmo.

Tem a seu favor a absoluta sinceridade de quem o escreve, a Verdade que brota do caso observado directamente, que se não discute porque se impõe como tal. Mas tem mais—o prestígio de uma obra sólida que é ao mesmo tempo sua causa e consequência; a força que só pode vir de uma Comunidade baseada no sacrifício espontâneo e, acima de tudo, na doutrina cristã.»

É de Lisboa. Trata-se de alguém que nem sempre encontra à venda o jornal e porque não quer perder a sua leitura, escreve-nos pedindo para ser considerado um assinante.

Gosto de a dar à luz. Ela é o homem que a escreve. O primado do espírito é responsável por mais este assinante. Assim se explica que cem mil indivíduos esperem todas as quinzenas pelo catecismo da doutrina cristã. De-mos graças a Deus.



Aqui, LISBOA!



TRIBUNA DE COIMBRA

Estou em dívida para com os leitores que nos enviaram o enxoval e mobília para a anã do Vale Escuro. Não de gostar de saber se tudo chegou ao seu destino. Aqui vai uma palavra de justificação. O dia mal tinha chegado para os cuidados da Casa, da quinta, das obras das oficinas e do Património dos Pobres. Era já noite quando daqui saímos, e, mais noite, quando subimos pelo Vale. Chovia! Nunca ali tinha ido àquela hora e, por isso, tudo me pareceu diferente. Não há iluminação. Os faróis da fourgonete põem a descoberto os sulcos profundos que a enxurrada abriu, no desaterro da futura avenida. O Natalino das Lapas, que me acompanhava, apavorado com os solavancos do carro, grita aflito: olhe um poço! Não era nada. Apenas uma sombra. Só sombras neste Vale Escuro... Todos os progressos e comodidades vão para os felizes do mundo; os outros não contam. A chuva continuava a cair quando parámos à porta da barraca. Ouve-se gritaria de mulheres, acompanhada de palavrões, lá mais para cima. Onde não há pão nem educação, contra nós está a razão.

O Natalino rola um calhau que o dono da barraca deixara a segurar a porta enquanto vai à taberna espaiar. Rica fechadural!

A anã estava já deitada no seu canto. Cada canto duma barraca é, habitualmente, o *apartemant* duma família... A pobre tinha vindo há pouco do hospital. A perna fracturada não ganhou ainda calo. Mostra a inflamação do tornozelo enquanto geme — Ai padre que vida a minha!

O Lapas vai trazendo o divan, o colchão e ajeitando tudo. Ao abrir o saco de roupa, os olhos da dona da barraca devoram cada uma das peças. Corre a espezivar o candeeiro, para ver melhor. Nada daquilo era para ela, mas cabe-lhe a melhor parte da alegria que vê nos olhos da outra. E não se tem. Vem direito a mim para me dar um abraço e um beijo. Desvio-me a tempo.

Vai para quantos nos ajudam a tornar menos dura a vida dos nossos pobres, aquela espontânea explosão de gratidão. Nós somos apenas os embaixadores da Caridade, nestes reinos despresados da Miséria.

Abrem as portas doutras barracas para que a nossa visita se estenda também a elas. Apenas entramos noutra. A dona mostra uns sete cacos a aparar outras tantas pingadeiras que atravessam o tecto de sacos.

Retiramo-nos depressa para não sermos esmagados pela onda dos que suplicam uma visita às suas barracas.

Encurtando caminhada, dirigimo-nos de passar na Feira da Ladra. Outro reino desconhecido no mundo da Capital, se deparava aos nossos olhos. Subimos ao primeiro andar duma velha casa. As catorze portas da sala, são doutras tantas famílias. Os candeeiros, os fogareiros de petróleo e de carvão, a falta de ventilação e o aglomerado de gente, mantem a atmosfera permanentemente irrespirável. Não se vive, morre-se lentamente. No compartimento

mais escuro, uma pobre mãe tuberculosa com cinco filhos. Mais para dentro, no pátio, outras dúzias de famílias em barracas. Senti choros numa delas onde antes eu sabia da existência dum pai tuberculoso. Desviei a serapilheira que faz de porta. Por cem anos que viva jamais esquecerei o estranho quadro daquela espelunca. O doente tinha passado a outra vida. Ai dos pobres se ela não existisse! Ali estava deitado no caixão que ocupava quase todo o espaço. As lágrimas da viúva e dos três filhinhos caíam com beijos na face do pai. Um grupo de mais dez crianças ocupavam o resto do espaço.

Todas as ofensivas que se lancem contra a tuberculose vão esbarrar fatalmente contra a barraca. Sanatórios, aparelhos, operações, remédios e quantas invenções os sábios quiserem — de tudo se ri a barraca, enquanto ela estiver de pé.

A ponte das barcas do Porto foi uma tarde; o abismo da barraca é de todos os tempos e de todos os lugares. E não há quem nos ouça...

PADRE ADRIANO

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Tendo nós combinado tudo para o dia primeiro de Dezembro, eis que na véspera se levanta em Paço de Sousa um temporal quase ciclónico e eu fui ao telefone e disse ao padre Adriano que não. Que não ia. Que chamasse ele padre Horácio e ambos fizessem a festa. Fugindo de um, dei com outro temporal! As palavras do padre Adriano era um tufão. *Venha e venha e venha*. E eu fui. Não poderá ser por mui o tempo, sim, mas já compreendi que nem recuar nem parar. Andar tem de ser o meu verbo.

As dez e meia, como fora previsto, estavam todos no cabeço de S. Roque, Leures à vista, mal-la extensa veiga do Trancão. Vieram de Lisboa três auto-carros com os empregados da Federação Nacional dos Produtores de Trigo. Noutros carros ligeiros, o seu director Engenheiro Quartin Graça e outros. O Sr. presidente da Câmara, D. Maria Luísa Salema. As duas famílias das novas casas. Muito povo das vizinhanças. Como ali é Portugal, também foguetes. À hora precisa deu-se começo ao santo sacrifício da missa.

O dia, de chuvoso que tinha estado, vestiu-se de sol. Crianças de peito das mães beneficiadas, palravam ao pé do altar. Na berm da estrada, rebanhos deovelhas com seus pastores. Padre Adriano deu-me a palavra. Saí à galilé e preguei Cristo. Não havia ali outro assunto.

Entre as duas casas do Património, houve o cuidado de erguer a pequenina ermida de S. Roque e assim se restabeleceu o culto do santo. A sua imagem, que é de pedra, anda perdida pelo povo e agora todos se interessam para que ela regresse. Um senhor ali presente, informou-me que tinha sido

Neste ressurgimento que estamos a contemplar para um nível de vida mais justa fitamos o nosso olhar nas Conferências de S. Vicente de Paulo. O Padre Américo tem afirmado, e quem quiser ouvir e seguir a sua voz tem de o fazer também, que aonde não haja vicentinos que velem, não se construam casas para Pobres. O Pobre muda de casa, mas não de vida. Muito certo.

Felizmente em todas as nossas comunidades há uma Conferência. Os rapazes interessam-se e nós temos de nos interessar também. Neste contacto com eles e com outros vicentinos e com os Pobres que temos dia a dia, notamos muitas coisas. Há Conferências (e quem diz Conferências supõe confrades) que estão a trabalhar em cheio: vida plena. Outras que só vegetam. E algumas há que ainda não chegaram a este mundo. As primeiras sigam a passos largos, que o campo é grande. As segundas são aquelas que mais realçam: são relatórios completos e muito bem organizados; as quotas e pagamentos em dia; largas notícias em revistas e jornais; muita burocracia em tudo; paradas e festas;

mu to de tudo, menos de alma que é o princípio de vida. As últimas estão fora do nosso tempo. Poderão ser boas associações de piedade, mas nunca Conferências de S. Vicente de Paulo.

Já há bastante tempo nos impressiona e preocupa este estado de coisas. Tenho comunicado este sentir a muitos e vejo que é ferida de todos. Graças a Deus e às Conferências, nós não encontramos em Coimbra uma família necessitada que não seja socorrida por uma Conferência; e há famílias que o são por duas, três e mais. E se formos um pouco além da nossa vista e penetrarmos na maior parte destas famílias não encontramos nada de novo; limitam-se a estar em casa à hora a que chega o confrade, recebem, saem e vão gastar e continuam na pedincha; e se é pai ou mãe manda os filhos. A vida continua na mesma miséria. Os filhos desconhecem o respeito aos pais e estes a educação dos filhos; a honestidade em casa é coisa morta; Deus está ausente.

Conheço muitos casos destes. Tenho pena de tanto esforço dispendido pelos visitantes e tão inútilmente (e o que é pior às vezes, prejudicialmente) empregado.

Já ouvi muitas vezes perguntar a vicentinos quantos pobres têm e eles muito radiantes responderam um número elevado. E se em vez disto se perguntasse quantas situações de vidas já remediaram? Hoje há em tudo a praga dos números. Tenho encontrado muitos casos em que o vicentino visitante chega à porta ou ao fundo da escada; deixa, e vai-se. Não entra; não ama. Muitos e muitas mandam a criada. Quantos tenho encontrado a queixarem-se que já há tanto tempo ninguém lá vai! Saem para férias e acabou.

Onde está aqui o espírito vicentino? Onde o nosso amor ao Irmão Pobre caído em necessidade? Ai se nós goubéssemos ver no Pobre que visitamos o nosso verdadeiro irmão?!... A sua dor seria a nossa; as suas alegrias eram-nos comuns; a sua vida confundia-se connosco. Então parece que acertávamos.

E para isto não nos parece necessário muito mais trabalho; só há necessidade de mais espírito, de mais amor. Não faz sentido que Pobres socorridos pelas conferências andem a mendigar. Temos de ser nós os primeiros e os mais fortes a fazer guerra à mendicidade.

Ainda há pouco aconselhei os nossos rapazes a despedirem uma mulher nova e sádica que andava com os dois filhos que tem a mendigar. Habitavam-se a pedir e não procuram trabalho.

Mas ao mesmo tempo que fazemos esta guerra, temos a obrigação de velar pela sua vida; para que lhes não falte o indispensável. O vicentino tem que ser o grande orientador. Na maior parte dos casos o que nós mais encontramos no Pobre é a desorientação. Esta é geralmente uma companheira da miséria. O vicentino tem que suprir. Se não conhecer e sentir e amar, não o pode fazer. Tem que identificar a sua vida com a dele. Aliás, é tudo falso. Não valem casas, nem internamentos em hospitais. Tudo é vão, se lhe falta a

Isto é a Casa do Gaiato

*** Zé Eduardo obteve licença e veio aqui a Paço de Sousa fazer uma cura de leite das nossas vacas, côdeas de boroa, rezina de pinheiros e um colchão de suma-úma. Resultado: no fim de 12 dias pôs cinco quilos e meio!

Como quer que em um daqueles dias caiu o primeiro de Dezembro e se esperavam visitantes, ele pede se na comitiva poderia comparecer a sua namorada e eu disse que não senhor. Derrotado, Zé Eduardo deu em espreitar e sempre que me via tomar o «Morris», aí vinha um gemido; *deixe-me ir*. Não deixei. As curas de repouso, pedem repouso.

O nosso hóspede, não contente com os cinco quilos e meio, quis uns sapatos, tendo levado todo o santo tempo a mostrar biqueiras e calcanhares dos que trazia nos pés. Inútil. Daf, procurava o senhor Padre Carlos e teve o quase «embarcado»! Palavras doces. Razões fortes. Desejo de uns sapatinhos. Mas eu resisti. Já assim tinha sido com um fato. Zé Eduardo tem dois; um virado e outro em primeira mão. Pois pretendia um terceiro e foi tão eloquente, que senhor padre Carlos acudiu por ele! Mas eu não. Um curso de engenharia e outro de teologia, não fornecem ciência bastante. Só a tarimba.

O ex-doente, que hoje se foi embora, anda nos ferros del-rei. É cabo miliciano. Ele tem o quinto do liceu. Temos por lá outros. A bem dizer, não há hoje quartel aonde não estejam gaiatos. Até Quelimanel! As cadernetas têm sido limpas. Muitas, louvadas. Recordo uma do Fernando Brilhante, soldado em Mafra, na qual três páginas são ocupadas com o feito de ele ter encontrado na rua um homem exausto, a quem tomou às costas e conduziu a uma pousada e empenhou o seu pré e no fim veio-se a saber que o prostrado era um cabo miliciano. O Comandante do Regimento, não teve mais que dizer. Seriam eles isto, se fossem imediatamente da Rua para os quartéis?

*** Tendo eu estado no lar de Lisboa e ser servido à mesa pelo refeitoreiro encartado, notei que as coisas por lá se passam como por cá; o João de Lisboa, que assim se chama o servente, serve a sopa e vai ler o *papagaio* sentado num banco, rentinho. Está perfeitamente à vontade. Tivesse ele pais e casa, faria na mesma. Ele está na verdade em sua casa.

*** Depois dos acontecimentos das sinetas da capela e refeitório, como aqui foi relatado, temos de novo sarilhos. A sineta do refeitório rachou! Tinha sido obtida há pouco tempo numa fundição de Ermezinde e está rachada. Toca a rachado. Foi-se o timbre do chamamento. Uma tristeza.

*** Aqui há tempos, fomos procurados por uma comissão de certo asilo, algures, que veio colher informações das quantidades, qua-

Caridade. Nesta nova época que esperamos, levantemo-nos todos; olhemos para nós e em redor; examinemos o caminho que trilhamos, e se estamos bem, vamos em frente; se não, procuremos acertar.

Padre Horácio

lidades e gastos de cozinha. Foi mesmo na cozinha que a dita comissão fez perguntas. Eu estava presente. O cozinheiro mexia o panelão com uma colher de pau enquanto os senhores inquiriam. Eram dois senhores e uma senhora. Sem tirar a mão do rabo da colher, o rapaz vira-se para a comitiva e diz:—*a gente aqui não sabe a quantas anda*. E a comissão retirou-se com esta esplêndida informação.

*** Ora agora o toque a rachado numa comunidade que «não sabe a quantas anda», é de sobressaltar.

«Acuso recebida a sua tão estimada carta e de novo lhe escrevo, pois é uma consolação escrever-lhe e poder-lhe contar como nós vamos.

Na derradeira carta não lhe expliquei tudo a respeito do meu irmão, nem tão pouco de mim, mas agora quero dizer-lhe.

Principio por dizer que o meu irmão já se empregou. Está a trabalhar na Base Portuguesa como carpinteiro. Ainda não sei quanto vai ganhar, mas devem-lhe pagar de acordo com o que ele sabe. Depois lhe direi. Com respeito ao bom comportamento dele, aqui à minha beira anda mais direito, mas quando estava no Porto era como sabia: sempre na vadiice e não admitia que lhe dessem conselhos.

Pai Américo, eu não queria ser-lhe maçador nem relembrar o que já lá vai, mas gostava que me perdoasse tudo o que lhe fiz porque sei que lhe dei desgostos, mas sabe que eu era desse feitio; agora não aconteceria nada disso.

O Rogério quando aqui chegou disse-me que tinha ido despedir-se do Pai Américo e que o Pai Américo ficou zangado com ele; eu sei que o Pai Américo tinha razão de estar assim, mas também lhe peço perdão para ele; agora está arrependido de lhe ter feito também sofrer desgostos.

Ele há-de-lhe escrever e pedir-lhe perdão pelo punho dele, mas eu também gosto que o Pai Américo me dê o perdão para ele e também para mim.

Esta carta devia ir encastada num círculo, por ser linha sem principio nem fim, imagem da eternidade; e desta sorte, apresentada como «Cantinho dos padres da rua». Ela, a carta, é uma preciosa dedicatória à nossa missão.

O Armando e seu irmão Rogério, vieram aqui ter pelo seu pé, numa tarde ardente de Agosto, errantes e arrastados. Nem pais, nem casa, nem amigos. O que ambos aqui disseram e fizeram, não sou eu que o digo; a carta diz tudo. Foi um curso de oito anos, tempo de provação para eles e tempo de provação para mim.

Da que nós necessitamos

Mais 100\$ do Porto. Mais 120\$ do Oficial de Diligências no tribunal de Lourenço Marques. Mais 500\$ de Anta. Mais 20\$ de Azinhaga do Ribatejo. Mais 200\$ de Gondola, Luanda; é o Ângelo. Ele vem aqui muitas vezes. Deus o ajude. Mais 50\$ da Maria Emília; eu também não tive pai. Que grito! 20\$ de Lourosa. Mais 120\$ de Leopoldville. Mais 50\$ de Nam-pula. De *Alguém*. Este *Alguém* que não sabemos quem é, aparece por aqui muitas vezes. Deus o ajude. Se ele, ele. Se ela, ela. Mais 50\$, aumento do meu ordenado. Mais 500\$. Mais 50\$. Mais 20\$. Mais outro tanto de Algés. Mais 500\$ de Lisboa, *produto de uma dívida antiga*. Mais 50\$ do Fantino da Matola, perto de Lourenço Marques. Mais 100\$ de *Uma Poveira*. Mais 50\$ de um dador de sangue no hospital *Rainha D. Amélia* da Beira. Gosto de escrever o feito e também o nome Rainha D. Amélia. Nunca é tarde para fazer justiça! Mais 500\$ de uma mãe. Mais 100\$ de C. L. Mais de Massarelos 220\$ *de umas economias que Deus nos tem permitido fazer*. Isto são lições de alta economia. O Mestre assim ensinou e das sobras do pão multiplicado, mandou que apanhassem para dar a outros mais precisados. Os apóstolos pediam aos

do seu tempo, que trabalhassem e economizassem, afim de terem com que remediar os que precisavam. Mais 100\$ de Ermezinde. Mais 80\$. *Esta mãe atribulada*, costuma dar 60\$ por mês, mas hoje manda mais 20\$ *porquanto o abono do meu filhinho doente aumentou*. Outra lição. Esta que tem tudo da outra, mostra mais a ternura do filhinho doente! Tanta beleza dentro de uma carta branca! Tanta doutrina de que os homens têm verdadeira fome e tanto mais padecem quanto mais dela se afastam! Eu quisera conhecer e apertar a mão destes gigantes escondidos! Mais 50\$ da Maria de Lisboa. Mais de S. Pedro do Sul 50\$ de uma amiga do Gaiato. Mais 50\$ de Torres Vedras. Outro tanto de Gouveia. Não haverá por lá quem nos mande um cobertorzinho? E da Covilhã? E Tortozendo? E Loriga? E Castanheira? Ora vamos a ver! Mais 20\$ de Gondomar. Mais outro tanto do Porto. Mais o mesmo de um *serralheiro*. Mais um pequenino fardo de tecidos de Elvira e Narciso. Mais dois contos, o primeiro ordenado de uma que chegou a Luanda; é a Maria Antunes. Dar aqui tudo, é muito. Porém, longe da terra e dos seus, fazer o mesmo, é loucura.

Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

Vem aí o Natal: Os leitores sabem, pelos anos precedentes, que não faltamos com a Consoada aos nossos Pobres. É bacalhau, batatas, azeite, regueifas, etc. Um mundo de coisas boas.

Ele dantes havia por aí uns senhores que nesta ocasião rapavam dumas de quinhentos ou de mil e a conta arrumava se. E este ano? Não perdemos a esperança. Contamos com esses amigos. Para o que vamos gastar, o merceiro não

Armando, hoje nos 23, serviu armas nos Açores, aonde se enamorou e no próximo Janeiro conta realizar o seu casamento. Ganha 50\$00 como mecânico. Mandou ir o irmão para a sua companhia. Deus os ajude.

Como estes dois, quantos têm estado, quantos estão, quantos não hão-de vir! Os problemas que esta massa nos oferece, são variados e são de todos os dias. Nós, *padres da rua*, temos, porém, de ser sempre iguais. A Fortaleza é dom do Espírito Santo. Com ele, semeamos em lágrimas. Por ele, colhemos na alegria. Esta é a nossa doutrina. Temos de encher aqui o cântaro, beber desta água, aprender com estes *mestres*, receber deles o máximo e dar-lhes o máximo. Deles, afrontas; de nós o perdão. Resultado? *Peço-lhe perdão!* Porque? Porque soubemos perdoar. Eis.

Nunca é tarde. Ninguém sabe quando chega a hora de Deus, nem os caminhos por onde Ele conduz as almas. Os padres que trabalham hoje comigo. Outros que vierem depois. Todos. Sempre. Esta carta é modelo. Segui-la é ciência. Também é preciso que neste sector haja o Cientista e até o prémio Nobel.

espera muito tempo pelo dinheiro nem a gente quer ser caloteiro. Dentre os 50.000 leitores do Famoso qual terá a felicidade de solucionar o caso? Aquele ou aqueles beijamos as mãos agradecidos, em nome dos Pobres.

O que nos trouxe o correio: De Rio Tinto, 10\$00. Da Figueira da Foz, Filomena Marques, 70\$00. Numa carta que principia por *Meu irmão em Cristo*, 94\$00 e que os *nossos irmãos Pobres que peçam para mim a graça da renúncia e desapego dos bens deste mundo, para conseguir um abandono total e absoluto em Deus*. Grandes conceitos. Do Snr. António Cardeiro Saraiva, do Fundão, 180\$00. Quando puder, Snr. Saraiva, não esqueça dos nossos Pobres. Da assinante 8058, 20\$00 e pede que na primeira reunião rezemos pelo seu único sobrinho. De Tomar, a estimada assinante 25445, 50\$00. António de Castro Poças, de Valadares, Gaia, 50\$00 para os nossos Pobres, como remanescente do pagamento da assinatura do Gaiato. Porque não fazem outros o mesmo? Não custa nada; é só mais uns pesos. A assinante 25.205, *que pede uma oração*, 50\$00. José Pinho Soares, do Porto, 70\$00. De Sintra, 20\$00 de quem não falta quizenalmente. Deus também não há-de faltar a quem é tão nosso amigo.

Júlio Mendes

Estava sim senhor. O mesmo Desconhecido do ano passado, estava em casa, desceu à porta e entregou os cinco contos, dos quais fizemos 70 cobertores. Quem será Ele?!

